

Covid, afetos e histórias



Erivan Leal faz pose durante viagem a Lisboa, que tanto amava. Morreu em 2021

Universitária transforma a perda do pai para a doença em tema de trabalho de conclusão de curso (TCC), encontrando aí a força para terminar a faculdade de jornalismo

POR RENATA GIRALDI

Beatriz Leal, estudante de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), transformou a dor de perder o pai, a agonia do último ano da faculdade e a escolha de um tema para o trabalho de conclusão de curso (TCC) em uma homenagem às famílias que se despediram à força de pessoas queridas por causa da covid-19. Com apoio da orientadora, a professora Ana Carolina Kalume, Beatriz contou as histórias do pai, Erivan Leal, de Antônio Gilmário Antunes Marques e do casal Lianora Rosa Pereira e Jairo Marcílio de Souza.

“Papai não vivia sem a família, os amigos, as viagens e, com certeza, sem a música. Ele acordava cantarolando ou assobiando alguma canção, ou até mesmo um ritmo que ele criou e continuamos a reproduzi-lo aqui em casa”, conta Beatriz. “Acredito que, além do amor, as diversas músicas que escutamos juntos durante a vida nos manterá conectados até o nosso reencontro.”

Assim, com essa garra, Beatriz se formou, emocionando a banca de professores e dando orgulho à professora Kalume com o trabalho final *Órfãos da pandemia: histórias de vítimas da covid-19 em relatos sensíveis*. “Com sensibilidade e dedicação,

a Bia fez um ótimo trabalho”, disse a orientadora. “Aqui na UnB, estimulamos a empatia como elemento fundamental no jornalismo junto com as leituras e as discussões.”

Segundo a professora, é essencial o estudante, em fim de curso, estar “apaixonado” pelo tema escolhido para o TCC, e foi exatamente o que ocorreu com Beatriz. “A cada encontro, ela trazia uma novidade, uma apuração melhor, um relato mais emocionante. Foi muito gratificante vê-la crescer tanto com o trabalho.”

Pai

No trabalho, Beatriz mostra que Erivan, o pai dela, era do tipo determinado. Aprendeu a ler e escrever aos 10 anos, depois correu atrás do atraso: formou-se no curso superior e construiu uma carreira em administração de empresas. Quando surgiu a pandemia, tomou todos os cuidados para si e os filhos, Bruno, 34 anos, Caroline, 26, e Beatriz, além da mulher, Kátia. Último a ser contaminado, ele acabou vencido pelo vírus em 27 de maio de 2021 — auge da pandemia.

Entre o diagnóstico e a morte, foi tudo muito rápido, menos de duas semanas, segundo Beatriz. Ela foi informada de que o pai seria intubado e que havia sofrido duas paradas cardiorrespiratórias. Como se isso não fosse o suficiente, teve o pior: o tratamento que ela e a mãe tiveram do hospital.

“Quem vai entrar para reconhecer o corpo?”, perguntou uma profissional de saúde, sem ao menos informar que Erivan havia morrido. A pedido do pai, ele foi cremado. Pouco mais de um ano

Fotos: Arquivo pessoal



Lianora, primeira a morrer, com a filha Lyvia, o marido Jairo, vencido pela covid 20 dias depois da mulher, e a filha Luiza, no aniversário de 15 da caçula

depois, a família lançou as cinzas dele no mar de Trancoso, na Bahia, lugar que tanto amava.

Inverdades

Defensor do uso da azitromicina como tratamento precoce para a covid-19, o aposentado Antônio Gilmário Antunes Marques pensou que estava protegido. Mas não, foi surpreendido. A filha Bruna ficou desesperada, sobretudo quando chegou à casa do pai e viu que ele estava jogado numa cama quebrada, sem se alimentar e com dificuldades para falar.